

FLOR AZUL
E OUTROS
CONTOS



CONSELHO EDITORIAL DA LF EDITORIAL

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/
Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio
Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

FABIOLA LUZ

FLOR AZUL
E OUTROS
CONTOS



2025

Esta é uma publicação Íliada Editorial, selo exclusivo da LF Editorial
Copyright © 2025 a autora
1ª Edição

Direção editorial: Victor Pereira Marinho e José Roberto Marinho

Revisão: Joana Figueiredo

Mentoria de escrita: Renato Modernell

Desenho da capa: Estela Luz

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Luz, Fabiola
Flor azul e outros contos / Fabiola Luz. – 1. ed. – São Paulo: LF Editorial, 2025.

ISBN 978-65-5563-647-5

1. Contos brasileiros I. Título.

25-303385.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos: Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Íliada / LF Editorial
www.livrariadafisica.com.br
www.lfeditorial.com.br
(11) 2648-6666 | Loja do Instituto de Física da USP
(11) 3936-3413 | Editora

Dedico aos meus irmãos,
Vania e Gerber.



Agradecimentos:

Ângela Santos
Francisco Gilberto Labate
Gerber de Andrade Luz
Herbert Tadeu de Andrade
Laura Leite
Regina Pisani
Renato Queirós
Roberto Negrete
Sonia Maria Faresin
Vania de Andrade Luz



SUMÁRIO

Imóveis	11
Instintos.....	15
As abelhas.....	21
Anestesia	25
O gato	31
A visita	39
No quintal	45
O canto do berro	53
Um filho de óculos escuros	59
Abalos.....	65
Além das dunas	71
Café em Barajas.....	75
Os que se foram.....	83
Sinuca.....	89
Flor azul	95
As irmãs.....	99
O encontro	103
Marina.....	109



IMÓVEIS

O bairro de Santa Cecília acende as primeiras luzes naquela manhã de inverno. O mormaço que misturava dia e noite se dispersou. Antônio, com os braços apoiados no parapeito da sacada do primeiro andar, vê a moça chegando e pensa: “Faz trinta anos que eu não choro, hoje eu vou chorar”. Ela vem acompanhada por um homem jovem.

O imóvel, vazio há anos, está disponível para venda ou locação. Antônio havia marcado vistoria com representantes de mais uma empreiteira. Desce ao térreo, recebe as visitas. Apresenta-se e pergunta o nome da moça. Ela responde:

– Clio Menezes, muito prazer!

Ele se encanta com a elegância comedida. Ela veste saia ampla e paletó de lã, botas com pouco salto. Ele passa a segui-la com o olhar. Abre um dos braços em direção ao interior da casa e diz:

– Por favor, fiquem à vontade.

Eles entram no sobrado de três quartos, sala, cozinha, banheiro, pequeno quintal. Sempre foi, entre todos os imóveis herdados, o mais difícil de alugar. Ele só cogitou vendê-lo há bem pouco tempo. Era um primor no passado. Hoje, pichado como todos os imóveis desabitados dessa cidade, aguarda reforma ou – ele sofre só de ouvir a palavra – demolição.

Enquanto os visitantes procedem à inspeção, Antônio recorda cada ambiente, conforme a moça vai passando pelos

cômodos. Ali viveu por vinte anos junto com a família, o pai, a mãe e a irmã.

Eles estão na sala, relembra. O sofá marrom, tapete de lã estampado sobre o piso de madeira, cortinas de voal. A mãe submissa, com dificuldades para enxergar, todos sentados em volta dela. Sua doença progrediu, parecia que a visão, aos poucos, se voltava para outra esfera, chegou a fazer previsões ao final da vida. Acabou morrendo de outra coisa. A irmã, todo tempo ensimesmada. O pai, dono de tudo, um homem sempre em ascensão. O pequeno comerciante cresceu, comprou imóveis – o investimento seguro.

Agora estão no quarto. Ele vê o canto em que ficava a escrivaninha ao lado da pequena estante com portas de vidro, os livros ordenados por autor. Desanima ao pensar que hoje tem paredes repletas em sua residência, tão distante dali, em total confusão de títulos, assuntos. E ele sem pique para organizar. Pensa: “Claro que não li nem a metade, consultei vários, exibi todos. Curioso isso, quando se tem o livro a dois passos, na prateleira, tem-se a impressão de que o conhecimento está à mão. Talvez as lombadas à mostra componham um outro volume que vai sendo escrito silenciosamente. Ou vários, quem sabe, que possam juntar meus interesses de advogado, empresário, psicólogo. Sem contar a titulação acadêmica, que não ajuda a viver”.

De novo de olhos em Clio, ele tem a impressão de que ela passa a mão nas paredes detectando rugosidades, imperfeições. Como se fossem carinhos que o excitam.

Entram no quarto que antes pertenceu à irmã, um cheiro forte de bolor os invade. Fica na face sul da casa, foi sempre

escuro. Um dia a menina se distraiu brincando com fósforos, talvez quisesse clarear o ambiente, acabou ateando fogo no edredom. Apagou-se, e ficou por isso mesmo.

Antônio força a porta do lavabo, emperrada há tempos. No espelho manchado, quase desfeito pelo tempo, não vê o seu rosto, mas o pano de fundo. Clio aparece atrás dele como uma miragem. A moça queria conferir a parte hidráulica.

Volta a se lembrar do pai, ele quis que eu fizesse curso de Administração, que cuidasse do patrimônio, teria meu futuro garantido. Eu era muito jovem, obedeci por um tempo. Como poderia me rebelar? Éramos parceiros. Aprendi com ele tudo sobre o então chamado sexo forte, conheci sua fragilidade também. Em todos os momentos de aperto contei com meu pai. Agora já não posso perguntar o que fazer, ele se foi muito cedo. Creio que, se pudesse, me responderia: “cuide do que é seu”. E eu arrasto esse peso de não conseguir.

A moça se aproxima, ele percebe que ela o ultrapassa em altura uns dez centímetros, talvez. Ela pergunta:

– Há quantos anos a casa está abandonada?

Ele, surpreso:

– Como?

Ela sorri sedução e corrige:

– Há quanto tempo está desocupada?

– Dez anos.

Antônio, perturbado sem entender o motivo. Se foi a pergunta capciosa da moça. Se é o aroma que vem dela ... identifica violeta... jasmim... *musk*... a memória não recupera o nome do perfume, nem a ocasião. Pensa: “Que saudade desse cheiro!”.

Na cozinha, Clio e o rapaz cochicham alguma coisa. Antônio se incomoda com a intimidade dos dois. O moço é alto, tem discreto sobrepeso, usa terno escuro. Antônio se pergunta: “Quem será esse babaca?”.

Os corretores terminam a visita.

Antônio pensa: “Ela vai embora daqui a pouco. Terei alguma chance com essa moça? Sempre falam da minha jovialidade, que pareço bem mais moço do que sou... ela vai embora daqui a pouco... vou me sentir miserável? Sim, miserável, com todos esses imóveis emperrados. É como na primeira paixão. Aquele sonho fazia a vida valer a pena. Mas não vingou, caí num buraco de dar dó. Agora o destino me apresenta essa mulher. Antes de vê-la, estava calmo. Agora, o encantamento acenou o paraíso. Imaginar que isso desmorona... vou me sentir miserável, sim. Que sacanagem...”

Então, ele segura o choro para não dar vexame.

Clio se aproxima e diz:

– Estive pensando... conversando aqui... se a empreiteira não fechar negócio, talvez eu consiga comprar. A casa tem potencial... uma boa reforma... vamos manter contato.

– Claro! Será um prazer.

– Fique com meu número.

Ele pensa: “Finalmente, vou vender a casa. Pra ela, então, claro, vendo, sem dúvida!”. Eufórico, num átimo se viu entrando por aquela porta por onde ela saía agora, se viu entrando, no futuro, em outra condição. Supondo que talvez iludisse na aparência, na intenção, pensa: “Preciso ser franco, é tão fundamental esse encontro”. Ele a chama num canto e diz:

– Eu tenho oitenta e seis anos, e você?

– Eu não tenho idade.

INSTINTOS

Através da vidraça do escritório no quinto andar, Max olha para a avenida Vinte e Três de Maio, observa suas oito pistas atulhadas de veículos agitados e o trânsito infernal. Escuta o som das buzinas, apesar das janelas fechadas e do ruído do ar-condicionado ligado na menor temperatura possível.

Ele é diretor-executivo de uma multinacional de agro-químicos. Enquanto aguarda os funcionários para a reunião extraordinária, ele devaneia.

Lembra-se de Mumbai. A imagem do tráfego de lá, vista do alto da colina próxima ao templo de Zoroastro, foi impactante. Os carros andando em qualquer direção, indiferentes às faixas, aos semáforos. As buzinas, sem trégua, pedindo passagem aos outros carros, aos pedestres, aos *tuk-tuks*, às vacas. Max olha para a avenida e pensa: “É tudo a mesma coisa. É... mas na Índia buzinar é conversar, sem raiva”.

Ele espera. Aos seus pés, seu *pet* cochila. É um macaco-prego de quase trinta anos.

A sala de reuniões é espaçosa. A mesa de alumínio comprida, tampo de madeira, comporta cadeiras para dez lugares com bom espaço entre elas. Sob o tampo, uns quinze centímetros para dentro da borda, prende-se um tubo metálico vazado em toda a extensão, destinado a amarrar as guias dos *pets* de cada um.

O ambiente está impecável, as irmãs Furiel e suas fuinhas acabaram de limpar.

Max se senta na cabeceira, prende a guia do animal.

Na sequência, chegam os diretores:

Tereza e o teiú de trinta centímetros enchem o ambiente com aroma de sândalo. Ela se encaminha para o lado direito da sala, deixa livre uma cadeira entre ela e Max e se senta. Amarra a guia do lagarto, que se mantém junto às suas pernas durante toda a reunião.

Caetano e seu cão, um *border collie* de doze anos, acomodam-se do lado esquerdo, em frente a Tereza, com a guia mais frouxa.

Gaby e o gato angorá entram cheirando a lavanda, ficam ao lado de Tereza, à direita, também.

Raul e seu rato *twister* sentam-se na cadeira contigualmente ao lado direito de Max.

Por fim, Gael e seu jovem gavião-de-penacho ocupam o primeiro assento do lado esquerdo de Max. O animal se acomoda no espaldar da cadeira, próximo ao ombro de Gael, e a guia é presa no mesmo lugar dos outros.

O executivo se considera satisfeito com o quórum e começa a reunião:

– Boa tarde a todos. O motivo deste encontro não é agradável. A economia do país vai mal, como bem sabem. Os produtos estão em baixa. No que diz respeito a nós, funcionários, a empresa não vai conseguir conceder o prometido reajuste. Não apenas isso, precisaremos reduzir folhas de pagamento.

As equipes seguramente serão diminuídas. E talvez alguns de vocês também sejam demitidos, infelizmente.

A reação dos ouvintes, a princípio silenciosa, é unânime. *Pets* e pessoas esticam suas colunas, posicionam-se em alerta. Max continua:

– Bom, gostaria de ouvi-los.

Raul e o rato começam a tremer.

Caetano olha para Tereza, afrouxa mais a guia.

O cão começa a roçar a cauda nas pernas dela. O teiú farfalha inquieto.

O gavião se agita incomodado enquanto seu dono, Gael, fala com voz estridente:

– Como isso foi acontecer? Qual é a concorrência?

– É da agricultura orgânica, claro – Max informa –, isso não é novidade, já era esperado, só não sabíamos que poderiam suportar os custos dessa adaptação tão rápida ao cenário que temos hoje. Alguns países já conseguiram reduzir em quarenta por cento o uso de agrotóxicos.

Embaixo da mesa, o gato estica a coluna em curva na intenção de saltar. Olha para o cão, rosna baixinho na direção do rato e se encolhe.

Raul pergunta:

– Como conseguiram isso?

– Fazendo os cálculos a longo prazo, visando a economia em atendimento de saúde, lá na frente. E, claro, informando a população sobre quais são os alimentos seguros.

O gavião-de-penacho olha firme para o macaco-prego, parece sonhar com a caça de antigamente, todos livres na

natureza. E avalia: a carne do macaquinho não é jovem, mas valeria uma bicada certa na jugular.

Enquanto isso Gael encara Max e, quase gritando, desafia:

– Qual país, por exemplo?

– Em primeiro lugar, trate de manejar esse tom de voz!

Faz-se um silêncio curto. Gael abaixa a cabeça, cerra os lábios, contrariado. Max continua:

– Países da União Europeia... até a Índia já fez experimentos de redução de custos, com sucesso, em algumas cidades.

– Por que não pensamos em uma investida agressiva de *marketing*, então? Mudando radicalmente esse mimimi de “alimentos do bem?” – pergunta Gael, tentando controlar a voz.

Gaby pede a palavra com um aceno de mão:

– De que jeito, Gael? Burlando resultados de pesquisas médicas? Só se for isso! Vamos fazer propaganda de quê? Seriam coisas do tipo... “Segundo estudos tais e tais... tome o seu veneninho diário, e tudo bem?”. Ah, Gael, dá um tempo!

Caetano mantém a discussão provocando Gael:

– Não era você e seu bando do Facebook que reclamavam desse horror de planeta que as gerações anteriores deixaram para vocês?

O gato suspira.

– E na primeira pressão da vida... olha só! – fala Gaby
– Quer enganar a população? Não está nem aí com a humanidade! Nem com o planeta!

O gavião eriça o pelo, esconde-se embaixo da cadeira, busca uma presa, qualquer um serviria.

– Não misturem minha vida pessoal, ok? Isto aqui é trabalho! – Gael rebate.

– Quer privacidade? – Tereza pressiona as duas mãos na beirada da mesa, enfurecida, como se estivesse disposta a se levantar. – Então, não fique postando bobagens para todo mundo ver!

O rato se assusta mais ainda com o andamento da conversa, tenta um movimento para longe do gavião. A guia amarrada o retém.

Enquanto isso Raul treme e pensa: “Como vou pagar minhas contas? Viver sem seguro saúde! E meus remédios caros? Meu Deus! Estou ferrado!”.

O cão entretido, alisando as pernas de Tereza, não se manifesta.

Caetano ainda diz:

– Acho que não temos saída a não ser aceitar os fatos e aguardar a lista das demissões.

Gael o trucidava com os olhos. Gaby e Tereza fazem menção de concordar com Caetano. Raul se mantém calado e trêmulo. Max resolve encerrar a reunião:

– Vamos ficar por aqui. Receberão aviso para a próxima, ok?

Os diretores deixam a sala segurando suas guias com dificuldade, os animais estão indóceis. Todos se dirigem para a garagem. Caetano e seu cão preferem descer pelas escadas. Tereza e o teiú os seguem. Os demais não se preocupam em se distribuir entre dois elevadores. Amontoam-se no interior do primeiro que aparece, na pressa de sair dali.

Abre-se a porta já no subsolo, o rato puxa Raul e sai correndo. Não dá tempo. O gavião o alcança. Caetano e Tereza os encontram e se enfiam na confusão. O teiú infla o corpo, prepara-se para a luta, morde a pata do *border collie*, o cão reage com voracidade.

Max aguardara a saída de todos. Cabisbaixo, puxa a guia do macaco, devagar, como se o pensamento retardasse a caminhada. Tomam o elevador seguinte. Ele pensa: “É compreensível que se sintam ameaçados nesse momento e reajam... mas... como atenuar esses ânimos? Zoroastro? Outro profeta? Quem seria capaz de dar um jeito nisso?”.

Chegando à garagem, escuta um barulho estranho e identifica: gritos, guinchos, latidos, miados. Vê uma maçaroca de penas, dentes, pelos. E uma poça de sangue para que as irmãs Furiet e suas fuinhas da faxina, no dia seguinte, cumpram sua tarefa de deixar tudo limpo de novo.